O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 17 | Nº 50 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.10811168

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

PERCEPÇÃO DO ABUSO PSICOLÓGICO NO BRASIL: O PAPEL DO SEXISMO E DOS MITOS DE AMOR[1]

Francicléia Lopes Silva[2]

Ana Raquel Rosas Torres[3]

José Luis Álvaro Estramiana[4]

Resumo

O abuso psicológico é a forma de violência interpessoal mais reportada por mulheres ao redor do mundo. Entretanto, essa forma de abuso é por vezes despercebida como danosa. Dessa forma, o presente artigo objetivou analisar se os mitos do amor romântico e o sexismo ambivalente explicavam a percepção do abuso, para tanto foi testado cinto hipóteses. Tratou-se de um estudo quase-experimental 2x2x2, em que foram manipulados o tipo de abuso psicológico (abuso emocional x abuso de controle), o relacionamento (casado x namorando) e o conteúdo romântico das histórias (romântico x não romântico). Participaram do estudo 214 estudantes, em sua maioria do sexo feminino (54,7%), com média de idade de 22,4 anos (amplitude 18 a 55 anos). Foi utilizado o software SPSS para as análises de dados, e foram executadas análises multivariadas, correlacionais e descritivas. Os resultados corroboram para a aceitação de uma hipótese, e confirmação parcial de três outras hipóteses, as quais previram que o abuso de controle é mais percebido que o abuso emocional e que os mitos de amor estão relacionados com a diminuição da percepção do abuso psicológico, além disso, o sexismo moderou a relação da percepção do abuso psicológico com os tipos de abuso e de relacionamento amoroso. Assim, pode-se concluir que o presente artigo corrobora com os estudos sobre a percepção da violência, em especial do abuso psicológico contra a mulher, de modo que, ilustra como se dá a relação dos mitos de amor e do sexismo como variáveis relacionadas na explicação e entendimento deste fenômeno.

Palavras-chave: Abuso Psicológico; Mitos do Amor Romântico; Percepção; Sexismo Ambivalente.

Abstract

Psychological abuse is the most reported form of interpersonal violence by women around the world. However, this form of abuse is sometimes overlooked as harmful. Thus, this article aimed to analyze whether myths of romantic love and ambivalent sexism explained the perception of abuse, and five hypotheses were tested for this purpose. It was a quasi-experimental 2x2x2 study, where the type of psychological abuse (emotional abuse x control abuse), relationship status (married x dating), and romantic content of stories (romantic x non-romantic) were manipulated. A total of 214 students participated in the study, mostly female (54.7%), with an average age of 22.4 years (range 18 to 55 years). The SPSS software was used for data analysis, and multivariate, correlational, and descriptive analyses were performed. The results support one hypothesis and partially confirm three other hypotheses, which predicted that control abuse is more perceived than emotional abuse and that love myths are related to reduced perception of psychological abuse. Additionally, sexism moderated the relationship between the perception of psychological abuse and the types of abuse and romantic relationship. Thus, this article contributes to the understanding of violence perception, especially psychological abuse against women, illustrating how myths of love and sexism are related variables in explaining and understanding this phenomenon.

Keywords: Ambivalent Sexis; Myths of Romantic Love; Perception; Psychological Abuse.

[1] O presente artigo contou com o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[2] Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: francicleia.psi@hotmail.com

[3] Docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Psicologia. E-mail: arr.torres@gmail.com

[4] Docente da Universidade Complutense de Madrid (UCM). Doutor em Psicologia Social. E-mail: jlalvaro@cps.ucm.es

INTRODUÇÃO

Apesar do abuso psicológico ser reconhecido por lei como uma forma de violência contra a mulher desde 2006 (Lei n° 11.340), somente em 2021, com a homologação da Lei n° 14.188, passou a ser considerado uma forma de violência passível de punição. Apenas após a homologação dessa lei as mulheres vítimas de abuso psicológico adquiriram os mesmos direitos daquelas vítimas de abuso físico, como, por exemplo, a medida protetiva, que prevê o afastamento do agressor dos locais de convívio da vítima.

A necessidade do desenvolvimento de uma lei exclusiva para o reconhecimento do abuso psicológico enquanto violência aponta tanto para o seu silenciamento quanto para sua naturalização. Essa necessidade denuncia o que pesquisadores já demonstraram empiricamente: o abuso psicológico é compreendido como algo "comum" nos relacionamentos, não sendo percebido como algo violento.

No campo de estudo sobre a temática, é amplamente reconhecido o fato de que o abuso psicológico não apenas é a violência de gênero mais reportada pelas mulheres, mas também é a forma de violência que antecede outras formas de abuso (como o físico, sexual e afins). Sendo assim, estudar os aspectos que explicam como tal violência é percebida apresenta relevância na compreensão deste fenômeno e, consequentemente, abrange as estruturas de perpetuação da violência de gênero, o que justifica a realização desta pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa objetivou analisar quais aspectos psicossociais funcionariam como uma lente embaçada dificultando a percepção do abuso psicológico como um tipo de violência. Para alcançar tal objetivo, realizou-se um estudo com delineamento quase-experimental, com um desenho 2 (tipo de abuso: emocional vs. controle) x 2 (mitos de amor de casamento: namoro vs. casamento) x 2 (mitos de amor de romanticismo: conteúdo na história romântico vs. sem conteúdo romântico).

O presente artigo está organizado em sessões: (1) Primeiro é apresentado o referencial teórico acerca da temática, e apresenta como ad variáveis investigadas estão articuladas. Nesta sessão, também apresentamos as hipóteses. (2) Em seguida, apresentamos a metodologia, que consiste na apresentação dos aspectos dos procedimentos adotados para a execução da pesquisa. (3) A terceira sessão volta-se para os resultados e discussões, onde apresentamos os resultados conforme as hipóteses e discutimos teoricamente os principais achados. (4) E, por fim, apresentamos as considerações finais do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O abuso psicológico busca controlar a parceira e pode ser caracterizado por críticas rotineiras e/ou agressões verbais, como xingamentos e insultos, além de atos de isolamento do parceiro e até

mesmo condutas degradantes no plano sexual (BOAH *et al*., 2023; WILSON; SMIRLES, 2020). Essa forma de violência manifesta-se de maneiras mais ou menos evidentes. A forma mais evidente do abuso psicológico ocorre por meio do abuso de controle (CROSS, 2022), como o controle financeiro e dos dispositivos eletrônicos da vítima. Já a forma mais sutil é chamada de abuso emocional (CHRISTY *et al*., 2022), que se manifesta por meio de humilhações e manipulação da vítima.

Por ser uma violência que não deixa marcas visíveis, como lesões corporais como acontece na violência física (WHITE *et al*., 2024), o abuso psicológico pode passar despercebido. Além disso, o abuso psicológico é mais comum que o abuso físico, fazendo com que os indivíduos minimizem a gravidade do abuso psicológico (AIZPURUA *et al*., 2021; BOAH *et al*., 2023). De acordo com Spencer e colaboradores (2021), a percepção da gravidade da violência difere com base no gênero, sendo mais percebido pelas mulheres do que pelos homens. Além disso, o abuso físico tende a ser mais percebido como grave, mesmo quando comparando níveis mais leves de abuso físico com níveis mais severos de abuso psicológico (STEPHENSON; WICKHAM; CAPEZZA, 2018). Ademais, as pessoas tendem a culpabilizar mais o abusador físico do que o psicológico (OWARISH-GROSS, 2012).

A literatura sobre o tema tem ilustrado essa minimização do abuso psicológico em detrimento do físico. Por exemplo, Wilson e Smirles (2020) fizeram uma comparação entre a percepção do abuso físico e do psicológico, este último em duas situações: quando ocorria presencialmente e quando ocorria de forma eletrônica, por meio de mensagens de texto. De acordo com esse estudo, o abuso físico continua sendo a forma de violência percebida como mais grave em comparação ao outro tipo. Ademais, em termos perceptivos, os participantes não diferem entre o abuso psicológico cara-a-cara e o abuso psicológico virtual, porém, tendem a atribuir mais culpa ao abusador psicológico "cara a cara" (WILSON; SMIRLES, 2020).

Em decorrência da exposição constante a comportamentos hostis, as pessoas podem naturalizar o abuso psicológico, não o percebendo enquanto uma violência grave (GARCÍA-DÍAZ *et al*., 2017). Porém, faz-se importante destacar que, apesar de o abuso psicológico, às vezes, ser considerado inofensivo, suas consequências se equiparam às do abuso físico, tais como: sintomatologia depressiva, ansiedade, estresse pós-traumático, transtornos alimentares, distúrbios do sono e consumo abusivo de álcool e substâncias (OLIVEIRA, 2020).

A falta de percepção do abuso psicológico enquanto uma violência grave pode levar a sua subnotificação ou mesmo a nenhum tipo de notificação, fazendo com que a vítima sofra por muito mais tempo (BRITO; BAPTISTA; MOLINA, 2023). O entendimento da percepção desse abuso também implica a assimilação dos estigmas que geram a culpabilização das vítimas, além do caráter educativo, já que fornece um panorama dos comportamentos violentos que são aceitos socialmente (MASCI;

SANDERSON, 2017), sendo indispensável para a mudança de atitudes e comportamentos agressivos (FERNANDES; GRAUPE; CAMPOS, 2023). Além disso, como ressalta Brito, Baptista e Molina (2023), é inevitável mencionar que estudos deste caráter podem auxiliar no desenvolvimento e aprimoramento de políticas públicas e de atuação do psicólogo em serviços de atenção às mulheres em situação de violência.

De acordo com Brito, Baptista e Molina (2023), a violência de gênero está enraizada em valores patriarcais e representações simbólicas de opressão, dominação e exploração masculina. Além disso, a American Psychological Association (APA, 2018) reconhece que esses fatores ideológicos justificam a desigualdade de gênero e potencializam a vulnerabilidade social das mulheres. Neste sentido, destacam-se o sexismo e os mitos do amor romântico. Este último é compreendido como um conjunto de crenças irreais sobre a natureza e a verdade do amor (YELA, 2003). Esses mitos são socialmente aceitos e fomentam a manutenção de estereótipos de gênero e da desigualdade de poder entre homens e mulheres (SANCHEZ-HERNANDEZ; HERRERA-ENRIQUEZ; EXPOSITO, 2020).

Alguns investigadores elucidaram quais seriam os mitos de amor romântico (PIÑEIRO; PIÑUELA; YELA, 2022). De acordo com Piñeiro, Piñuela e Yela (2021), estes podem ser listados em quatro grandes mitos:

> *Posse* (Amor controlador e ciúmes): são os mitos vinculados ao controle, bem como com à necessidade de um parceiro para dar sentido à vida. Estes mitos têm forte relação com as diferenças de poder de gênero, sendo os homens percebidos como dominantes, agressivos e controladores (HERRERA, 2010), enquanto as mulheres devem ser cuidadoras e protegidas, subordinadas ao homem no amor (BOSCH *et al*., 2013).
>
> *Abnegação* (Amor de entrega e renúncia extrema): vincula o amor a um esforço, apoio e entrega extrema para o parceiro; compartilha a ideia de que o amor deve levar à renúncia da individualidade do sujeito, colocando o parceiro acima de tudo.
>
> *Romanticismo* (Amor místico e idealizado): agrupa as crenças mais irracionais e de expectativas extremadas sobre o amor. Centrada no conceito do amor romântico vinculado à literatura e ao movimento cultural do romanticismo, do final do século XVIII (BRANDEN, 2000). Este mito compreende o amor como algo grandioso e transcendental. Agrupa mitos da onipotência, idealização, irracionalidade e amor à primeira vista (SPRECHER; METTS, 1989; HINKLE; SPORAKOWSKI, 1975).
>
> *Tradição* (Amor passional, sexual e matrimonial): traduzem os mitos da vinculação amorosa normativa no ocidente, estabelecida no final do século XIX e XX (YELA, 2003). Centrado no amor como um vínculo passional, exclusivo e eterno, no qual o casamento supõe uma união eterna, que só a morte poderia romper.

Esses mitos geram um modelo de comportamento que, por vezes, podem estar associados e/ou justificar a violência de gênero (JIMENÉZ, 2021). De acordo com Borrajo, Gámez-Guadix e Calvete (2015), os mitos de amor estão relacionados a comportamentos controladores no casal, principalmente no contexto tecnológico. Outros estudos demonstraram que os mitos de amor são usados como

justificativa para a perpetuação e a aceitação de comportamentos controladores no namoro (NARDI-RODRÍGUEZ *et al.*, 2018). Além disso, Redondo *et al*. (2011) demonstraram que os mitos de amor estão associados a uma menor percepção da violência no namoro. Lelaurain *et al*. (2018) verificaram que a violência entre casais é mais justificável e menos percebida enquanto grave quando são descritos como vivendo uma relação de longo prazo (e.g. casados), principalmente quando caracterizados como apaixonados.

Alguns estudos ainda comprovam a relação entre os mitos de amor e outras variáveis ideológicas, como o sexismo, na predição do envolvimento em relacionamentos abusivos (SANCHEZ-HERNANDEZ; HERRERA-ENRIQUEZ; EXPOSITO, 2020). Por exemplo, Sanchez-Hernandez, Herrera-Enriquez e Exposito (2020) realizaram um estudo acerca da influência dos mitos de amor e sexismo na percepção de abuso de controle contra a parceira. De acordo com os autores, maior adesão ao sexismo hostil, em conjunto com os mitos de amor romântico, previu uma maior justificativa de comportamentos violentos e uma baixa percepção de gravidade da violência.

Assim como os mitos de amor compartilham características presentes no abuso psicológico, o sexismo também partilha desses atributos. De acordo com Glick *et al.* (2002), o sexismo é usado como "ferramenta complementar de controle" nos relacionamentos. A hostilidade e, às vezes, comportamentos aparentemente positivos, como a proteção, são usados para a manutenção do controle (KEITA, 2022).

O sexismo é uma variável ideológica que implica um conjunto de crenças a respeito dos papéis de gênero de homens e mulheres, assim como as relações que estes devem manter entre si (GLICK; FISKE, 2011). Glick e Fiske (1996) afirmam que o sexismo é composto por um sentimento ambivalente em relação às mulheres. Por um lado, uma antipatia e, por outro, sentimentos positivos. Esses autores defendem a tese de que o sexismo pode ser compreendido por duas vias, o sexismo hostil e o sexismo benevolente, que estão fortemente ligados (CANTO *et al.*, 2020).

A teoria do sexismo ambivalente de Glick e Fiske (1996) afirma que, de um lado, existe a crença de que as mulheres são inferiores aos homens, e, por esta razão, não são competentes para assumir cargos de poder, ademais, de assumirem as mulheres como manipuladoras por seu "poder" sexual, sendo, por essa razão, perigosas para os homens. Esta via é representada por um viés mais flagrante de antipatia contra as mulheres e é chamada de sexismo hostil. Já o sexismo benevolente assume a mulher como mais fraca que os homens, além de apresentarem um papel complementar a eles, cujo o amor delas é necessário para tornar-se um homem completo, assumindo uma dependência entre os gêneros (CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022). Deste modo, os homens assumem um papel protetor em relação a elas (CANTO *et al.*, 2020). Ambas vias são amplamente intensificadas quando as mulheres rompem com os papéis tradicionais de gênero. Por um lado, o sexismo hostil compreende essas

mulheres como precisando de repreensão, e por outro, o sexismo benevolente, percebem essas mulheres com menos valor social e merecendo menos cuidado e atenção do que aquelas que correspondem aos papéis tradicionais de gênero (GLICK; FISKE, 1996; KEITA, 2022).

Estas crenças ambivalentes em relação às mulheres influenciam a visão que os indivíduos, tanto homens quanto mulheres, têm em relação aos papéis sociais das mulheres, e servem como ideologia legitimadora para a manutenção das relações, e papéis tradicionais de gênero, mantendo e endossando a desigualdade de gênero (SIDANIUS *et al*., 1994; GLICK; FISKE, 1996; CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022).

Outrossim, o sexismo está relacionado a aceitação do uso de violência em relações íntimas, afetando a imagem das vítimas e as crenças sobre as causas dessas agressões, bem como a interpretação das próprias vítimas sobre atos violentos vividos (CANTO *et al.*, 2020). No que concerne a percepção do abuso psicológico, Cinquegrana, Marini e Galdi (2022) verificaram que ambos sexismo, hostil e benevolente, estavam relacionados a percepção do abuso psicológico. Quanto maior o endosso ao sexismo, menor era a percepção desta forma de violência, notando-o como mais aceitável. As autoras ainda aferiram que o sexismo hostil foi preditor na aceitação do abuso psicológico.

Apesar dessas evidências, outros estudos não confirmam esta relação. Por exemplo, Keita (2020), em seu estudo realizado com jovens, verificou que ainda que o sexismo apresente relação com a percepção do abuso psicológico, não tem poder preditivo. Apesar de não existir um consenso na literatura acerca de qual das vias do sexismo, o hostil ou benevolente, exerce poder de predição na percepção do abuso psicológico (KEITA, 2020; CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022; JIMÉNEZ, 2021), esses estudos reforçam o fato de que o sexismo tem efeito na percepção da violência contra a mulher, propondo que ambos os sexismos, hostil e benevolente exercem efeito na percepção de diferentes formas de violência.

A partir destes aspectos, o presente artigo visa responder o presente questionamento: Quais variáveis psicossociais funcionam como uma lente embaçada na percepção do abuso psicológico como uma violência propriamente dita? Com o objetivo de responder a esse problema, buscaremos verificar em que grau, os mitos do amor românticos e o sexismo ambivalente, influenciam na percepção das diferentes formas de abuso psicológico (abuso de controle e abuso emocional). Para tanto, foram desenvolvidas 5 hipóteses:

> Hipótese 1: A percepção de abuso nos cenários será mais forte para a manipulação de abuso de controle em comparação ao abuso emocional, já que o abuso de controle é tido como mais flagrante, uma vez que excede o âmbito privado do casal (PAIVA; CAVALCANTI; LIMA, 2020). Sendo assim, também esperamos que:

Hipótese 2: O tipo de relacionamento influenciará na percepção do abuso psicológico. Mais especificamente, os participantes perceberão menos o abuso psicológico contra a parceira nos cenários que descrevem um relacionamento de casados do que quando os personagens são namorados, pois a violência entre casais com relacionamentos de longo prazo é percebida como mais justificável (LELAURAIN *et al*., 2018; LELAURAIN *et al*., 2018b).

Hipótese 3: Os mitos de amor, especificamente os mitos de tradição e posse, estarão relacionados com a menor percepção do abuso psicológico, ou seja, diminuirá a percepção do abuso nos cenários, já que estes mitos compartilham componentes presentes em comportamentos abusivos contra a parceira (AMARAL; COSTA, 2018; DARDIS *et al*., 2014). Assim sendo, espera-se que:

Hipótese 3a: Nos cenários em que houver a manipulação de crenças dos mitos de amor, os participantes perceberão menos o abuso psicológico. Ocorre que os mitos de amor exercem função de justificação para o acometimento de violência entre casais (NARDI-RODRÍGUEZ *et al*., 2018). Por esta razão, nas histórias nas quais existem os mitos, o abuso psicológico será percebido como justificável.

Hipótese 4: Propomos que as relações hipotetizadas anteriormente (H1, H2, H3 e H3a) serão moderadas pela adesão ao sexismo ambivalente, já que o sexismo é uma ideologia legitimadora da violência contra a mulher, dessa forma, pessoas com maior adesão a ele tenderão a perceber menos atos violentos contra as mulheres enquanto uma violência propriamente dita, independente da condição manipulada (KEITA, 2022; WALBY; TOWERS, 2018).

MÉTODO

Assim como Dias, Sousa e Villanova-Campelo (2023), nosso trabalho consiste em um estudo quantitativo de caráter quase experimental, tendo em vista que não houve a aleatorização dos participantes nas condições experimentais. No entanto, aplicamos essa metodologia ao contexto da manipulação de variáveis sobre abuso psicológico e mitos de amor, com o auxílio de vinhetas experimentais (LESSA, 2022). Por tanto, utilizou-se um desenho 2 (Tipo de abuso: Emocional vs. Controle) x 2 (Tipo de relacionamento: Namoro vs. Casamento) x 2 (Conteúdo das histórias: Romântica vs. Não romântica).

Os procedimentos de levantamento de dados ocorreram por meio de questionários impressos, os quais foram respondidos individualmente durante aplicações coletivas em sala de aula. Dessa forma, contamos com uma amostra não probabilística por conveniência. Também é importante mencionar que o presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (CAAE n° 12940919.8.0000.5188) e respeitou todos os procedimentos éticos previstos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012). Todos os dados utilizados são fruto da aplicação dos questionários, não sendo adotados outros procedimentos de coleta de dados secundários, já que nosso objetivo é analisar o efeito das vinhetas experimentais desenvolvidas pelos autores na percepção do abuso psicológico.

Quanto aos procedimentos de análise de dados para o teste das hipóteses, foi utilizado o *software SPSS* em sua versão 23. Foram realizadas estatísticas descritivas para caracterização da amostra e

análises de correlação R de Pearson para verificar a relação entre as variáveis. Foram também realizadas análises de covariância (ANCOVA) para verificação das diferenças do efeito moderador do sexismo, bem como as diferenças de médias dos participantes em relação às manipulações experimentais. A adoção exclusiva de procedimentos estatísticos se demonstrou mais adequada no tratamento dos nossos dados, tendo em vista que todo o conteúdo coletado foi de caráter quantitativo. A seguir será caracterizada a amostra e os instrumentos utilizados.

Participantes

Para fins de padronização, estimamos o tamanho da amostra utilizando o programa GPower 3.1.9 (FAUL *et al*, 2007), que sugeriu uma amostra de aproximadamente 211 participantes para fornecer uma chance de 80% de detectar um efeito principal e um efeito de interação (p = 0,05). Assim, a amostra foi composta por 214 estudantes universitários, que tinham média de idade de 22,4 (DP=3,89), variando de 18 a 55 anos. A maioria do sexo feminino (54,7%), 43,9% do sexo masculino e 1,4% declararam não se identificar nas categorias feminino e masculino. Quanto ao estado civil, 53,7% declararam estar solteiros, 32,7% namorando, 6,5% casados, 4,7% noivos, 1,4% ficando sério, e 0,5% divorciados e 0,5% ficando nada sério. Já sobre a orientação sexual, 69,6% declararam serem heterossexuais, seguidos de 16,5% bissexuais, 7,5% homossexuais, 2,8% lésbicas, 2% declararam não saber qual sua orientação sexual, 1,4% disseram ter outro tipo de orientação sexual e 0,5% eram assexuais. Em relação a renda financeira, 64% declararam estar na média, 18,7% abaixo da média, 13,6% acima da média, 2% muito abaixo da média e 1,4% muito acima da média.

Instrumentos

O questionário era composto por cinco sessões. A primeira era formada pelas vinhetas experimentais desenvolvidas pelos pesquisadores, as quais apresentavam uma breve história de um casal heterossexual, na qual havia as manipulações, que resultaram em seis condições experimentais. Nos quadros 1 e 2, estão ilustrados dois dos cenários experimentais utilizados.

Quadro 1 - Vinheta experimental
(casado *vs*. abuso emocional *vs*. sem conteúdo romântico)

"Maria é casada com Guilherme e desde o começo do casamento Guilherme se incomoda quando Maria tem opiniões diferentes das dele. Muitas vezes ele afirma que ela tem reações exageradas quando eles discutem por alguma razão e por isso ele some por vários dias, ficando sem dar notícias. Depois ele volta para casa como se nada tivesse acontecido".

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Vinheta experimental (namoro *vs*. abuso de controle *vs*. romântico)

"Maria e Guilherme namoram e estão de casamento marcado, ambos afirmam que se apaixonaram quando se viram pela primeira vez: foi amor à primeira vista, dizem esbanjando felicidade. No entanto, desde o começo do namoro, Guilherme tem proibido de Maria sair com amigos sem ele. Desde o início do namoro Guilherme tem acesso ao celular de Maria, verificando com quem ela troca mensagens. Além disso, ele controla as finanças dos dois, tendo acesso as senhas e cartões bancários de Maria".

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, os participantes foram solicitados a responder a quatro perguntas sobre sua opinião quanto aos comportamentos do homem em relação à sua companheira, por meio de uma escala tipo Likert de sete pontos (1= nada bom e 7 = muito bom) (e.g, Em que medida você acredita que os comportamentos de Guilherme com Maria são bons para a relação dos dois?; Em que medida você acredita que os comportamentos de Guilherme com Maria são ruins para a relação dos dois?). Esses itens foram agrupados em um fator e apresentaram consistência interna de 0,73.

Logo após, os participantes responderam a outros três instrumentos, todos apresentados com uma escala de resposta em formato Likert, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente):

Escala de Percepção de Abuso Contra a Parceira (EPAPP): desenvolvida por Silva, Torres e Estramiana (2024) e que mensura a percepção de comportamentos psicologicamente abusivos. É composta por 29 itens, distribuídos em dois fatores: abuso emocional (α=0,90), e abuso de controle (α=0,94).

Escala de Mitos Românticos (EMRO): desenvolvida por Piñeiro, Piñuela e Yela (2021) e que visa mensurar os mitos do amor romântico. Em sua versão original, o instrumento conta com 31 itens, que agrupam 4 mitos: Posse (α=0,81), Abnegação (α=0,83), Romantismo (α=0,80) e Tradição (α=0,80). No contexto brasileiro, este instrumento é composto por 21 itens, distribuídos em 3 fatores: Tradição e abnegação (α=0,62), Romanticismo (α=0,65) e Posse (α=0,70).

Inventário de Sexismo Ambivalente (GLICK; FISKE, 1997): adaptada para o contexto brasileiro por Formiga, Gouveia e Santos (2002). Essa medida contém 22 itens, que mensuram duas dimensões: Sexismo Hostil (α=0,92) e Sexismo Benevolente (α=0,84). Neste artigo, foi utilizado de forma unifatorial (α=0,92), estrutura já verificada em outros estudos (ARNOSO *et al.*, 2017; NOVO; HERBÓN; AMADO; 2016).

Por fim, a última sessão do questionário era composta pelos itens sociodemográficos, ou seja, perguntas sobre o gênero, nível de escolaridade e relacionamento dos participantes.

RESULTADOS

Diferenças das médias para as condições experimentais

A fim de testar as hipóteses 1 e 2, realizou-se uma MANOVA, com teste *post hoc* de Bonferroni, para analisar as diferenças de médias dos participantes em relação à percepção do abuso nos cenários de acordo com as variáveis manipuladas. Desse modo, a percepção do abuso nos cenários e os fatores da EPAPP foram utilizados como variáveis dependentes, ou seja, percepção do abuso de controle e percepção do abuso emocional, e foram utilizadas as manipulações experimentais como variáveis independentes.

De acordo com os resultados, pode-se verificar efeito significativo somente para a manipulação do tipo de abuso [F (1,206) = 27,58, p = 0,001] na percepção total do abuso nos cenários. Além disso, verificou-se uma interação significativa entre as manipulações do conteúdo romântico juntamente com o tipo de abuso, na percepção do abuso emocional na EPAPP [F (1,206) = 3,99, p = 0,047]. As diferenças de médias estão ilustradas na Tabela 1.

Tabela 1 - Diferenças das médias entre as manipulações experimentais

	Percepção nos cenários		**Percepção Abuso de Controle**		**Percepção Abuso Emocional**	
Manipulações Experimentais	M	DP	M	DP	M	DP
Tipo de abuso						
Abuso de Controle[a]	6,35[b]	0,08	6,70	0,05	6,26	0,07
Abuso Emocional[b]	5,75[a]	0,08	6,64	0,05	6,24	0,07
Tipo de relacionamento						
Namoro	6,01	0,08	6,70	0,05	6,25	0,07
Casado	6,09	0,08	6,64	0,05	6,25	0,07
Tipo de história						
Romântica	5,97	0,08	6,65	0,05	6,22	0,07
Não romântica	6,13	0,07	6,69	0,05	6,28	0,07
*Tipo de história*Tipo de abuso*						
Romântico * Abuso de Controle[g]	6,33	0,11	6,37	0,08	6,33[h]	0,10
Romântico * Abuso Emocional[h]	5,62	0,11	6,56	0,08	6,11[g]	0,10
Não romântico * Abuso de controle[i]	6,37	0,10	6,66	0,07	6,18[j]	0,09
Não romântico * Abuso Emocional[j]	5,88	0,11	6,72	0,08	6,37[i]	0,10

Fonte: Elaboração própria.
Nota: * Médias que compartilham o mesmo sobrescrito não são significativamente diferentes. M= Média; DP= Desvio Padrão.

Esses achados corroboram a hipótese 1, pois, de fato, os participantes perceberam mais o abuso psicológico na condição de abuso de controle. Entretanto, estes resultados não corroboram a hipótese 2, pois o tipo de relacionamento não afetou a percepção do abuso psicológico.

Por fim, por mais que as manipulações dos mitos de amor não tenham apresentado um efeito isolado na percepção do abuso psicológico, esses resultados demonstram que existiu efeito na interação entre a manipulação do tipo de abuso e dos mitos do amor, na percepção do tipo de abuso emocional,

dando suporte parcial às hipóteses 3 e 3a. Esses resultados revelam que, quando existe a manipulação dos mitos de amor, acompanhado da manipulação do abuso emocional, os participantes percebem menos o abuso emocional na EPAPP. Em contrapartida, quando não existe a manipulação dos mitos, e os participantes são expostos à manipulação do abuso emocional, perceberam mais essa forma de abuso na EPAPP. A partir disso, buscou-se verificar se o apoio dos participantes aos mitos de amor exerce efeito na diminuição da percepção do abuso psicológico, para além do efeito das manipulações experimentais.

Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico

Para testar a hipótese 3, realizaram-se análises de correlação. Os resultados mostraram que o fator geral de percepção do abuso do cenário esteve correlacionado positivamente com os fatores da EPAPP, *Abuso emocional* (r=0,47, p=0,001) e *Abuso de controle* (r=0,46, p=0,001). No que se refere aos mitos do amor romântico, só foram observadas correlações em relação aos fatores de *Tradição e Abnegação* (r=-0,21, p=0,002) e *Possessão* (r=-0,34, p=0,001). Também foi observada correlação entre a percepção do abuso nos cenários e o *sexismo total* (r=-0,39, p=0,001).

As correlações da escala de percepção de abuso contra a parceira se assemelharam às correlações do fator geral de percepção do abuso nos cenários: Fator de abuso emocional, Mitos de amor (*Posse*: r= -0,24, p=0,001); Sexismo (r=-0,28, p=0,001). Fator de abuso de controle: este se diferenciou, já que teve relação com o fator de *tradição e abnegação* dos mitos de amor (r=-0,20, p=0,004), além de *posse* (r=-0,26, p=0,001). Também se correlacionou com Sexismo (r=-0,36, p=0,001). Estes achados corroboram a aceitação da hipótese 3b. Os mitos de amor de posse, tradição e abnegação estiveram relacionados a uma menor percepção do abuso psicológico, tanto nos cenários quanto na EPAPP. Estes resultados estão ilustrados na Tabela 2.

Tabela 2 - Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico

	1	2	3	4	5	6
1. P. Abuso nos cenários						
2. AB_Emocional	0,47**					
3. AB_Controle	0,46**	0,82**				
4. Tradição e Abnegação	-0,21**	-0,13	-0,20**			
5. Romanticismo	-0,08	-0,08	-0,11	0,46**		
6. Posse	-0,34**	-0,24**	-0,26**	0,61**	0,42**	
7. Sexismo Total	-0,39**	-0,28**	-0,36**	0,64**	0,43**	0,70**

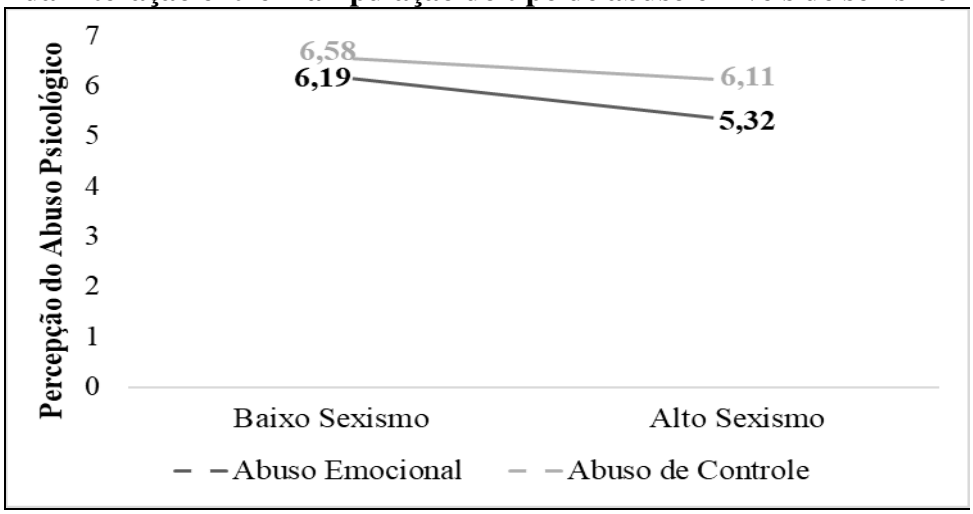
Fonte: Elaboração própria.
Nota: *p<0,05; **p<0,01. P= Percepção; AB= Abuso Psicológico.

Modelo explicativo para percepção do abuso

Para verificar a hipótese 4, foram realizadas três ANCOVAs fatoriais. O modelo teórico testado foi o modelo 1 de Heyes (2017), ou seja, uma moderação simples, sendo as manipulações experimentais como preditoras da percepção do abuso nos cenários, e o sexismo como moderador.

A primeira ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de abuso como preditores da percepção do abuso psicológico. De acordo com os resultados, foi observado um efeito moderador do sexismo nessa relação [F (1,210) = 3,931, p = 0,049]. Além disso, foi verificada uma interação significativa para níveis superiores de sexismo [F (1,210) = 30,785, p=0,000], o que indica que houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para as manipulações de abuso de controle e abuso emocional. De acordo com esses dados, os participantes perceberam mais o abuso de controle em comparação com o abuso emocional. Além disso, também houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para níveis mais baixos de sexismo (p=0,007) em relação às manipulações experimentais [F (1,210) = 7,550, p = 0,007]. Esses resultados estão ilustrados no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de abuso e níveis de sexismo

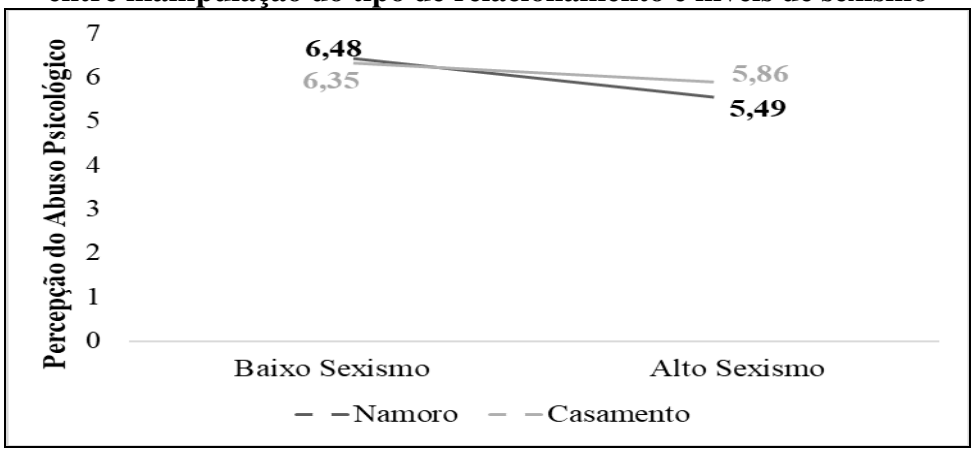


Fonte: Elaboração própria.

A segunda ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de relacionamento como preditores da percepção do abuso psicológico, e foi verificado efeito moderador do sexismo [F (1,210) = 5,013, *p* = 0,026]. Os resultados também indicaram uma interação significativa para níveis mais altos de sexismo [F (1,210) = 5,622, *p* = 0,019]. De acordo com esses dados, os participantes percebem mais o abuso nos cenários em que o casal é descrito como casados. Entretanto, não houve diferença

significativa em relação a níveis mais baixos de sexismo [F (1,210) = 0,639, p = 0,425]. Esses resultados estão ilustrados no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de relacionamento e níveis de sexismo



Fonte: Elaboração própria.

A terceira ANCOVA buscou analisar o efeito da manipulação do conteúdo romântico como preditores da percepção do abuso psicológico e verificou que não houve efeito moderador [F (1,210) = 0,038, p = 0,845].

Estes resultados confirmam parcialmente a hipótese 4, já que foi verificado efeito moderador do sexismo para as manipulações do tipo de abuso e do tipo de relacionamento, apesar de esse efeito não ser verificado para o tipo de conteúdo romântico nas histórias.

DISCUSSÕES

O artigo ora apresentado buscou analisar quais variáveis estão envolvidas na diminuição da percepção do abuso psicológico contra a parceira, partindo da relação entre os mitos de amor e sexismo ambivalente. Para tanto, foram testadas cinco hipóteses, das quais duas foram confirmadas (H1 e H3), duas confirmadas parcialmente (H3a e H4) e uma não confirmada (H2). A seguir, nossos resultados serão discutidos conforme a ordem das hipóteses do estudo.

Nossos dados corroboraram a ideia de que o abuso de controle exerce um efeito maior na percepção do abuso contra a parceira em relação ao abuso emocional, o que previámos na H1. Isso ocorre porque o comportamento de controle é tido como mais "flagrante" (PAIVA *et al*., 2021), já que não necessita do discurso da vítima para sua caracterização, ou seja, não envolve diretamente os seus sentimentos, enquanto o abuso emocional se restringe a uma esfera mais privada da vítima, atingindo

somente a ela, não envolvendo terceiros na relação do casal (PAIVA; CAVALCANTI; LIMA, 2020). Estes resultados podem indicar uma influência da invisibilidade do discurso da vítima e, por vezes, da vitimização secundária, as quais estão sujeitas a sofrer ao denunciar um abuso por parte do seu parceiro (LAING, 2016; KANDYA, 2021), parecendo existir, de certo modo, uma sutil desconfiança de que tais comportamentos sejam, de fato, danosos para essas vítimas.

No que tange à relação do casal, nossos dados não corroboram a ideia de que o tipo de relacionamento exerça influência na percepção do abuso psicológico, rejeitando a H2. Apesar de estudos anteriores terem verificado que o abuso em relações de longo prazo é menos percebido (LELAURAIN *et al*., 2018a; LELAURAIN *et al*., 2018b), no nosso estudo, não foi possível verificar essa relação. De acordo com Lelauraint *et al*. (2018b), as pessoas tendem a perceber menos violência entre casais quando são descritos como apaixonados e estabelecendo uma relação de longo prazo. Ocorre que a mera caracterização do tipo da relação (casados ou namorados) parece não ter sido suficiente para ilustrar temporalmente a relação estabelecida pelo casal na história, o que pode explicar a falta de efeito desta manipulação na percepção do abuso psicológico.

No que se refere à influência dos mitos de amor na percepção do abuso psicológico, nossos dados corroboraram parcialmente o esperado (H3 e H3a). Foi verificada uma relação estatisticamente significativa e negativa entre os mitos e a percepção do abuso psicológico. Entretanto, é uma correlação consideravelmente baixa (H3), indicando que essa relação não pode ser conclusiva, demonstrando que podem existir outras variáveis que influenciam essa relação (FIELD, 2013). De acordo com nossos resultados, a percepção do abuso nos cenários e a percepção do tipo de abuso de controle na EPAPP estiveram correlacionadas com os mitos de posse, tradição e abnegação, enquanto o tipo de abuso emocional na EPAPP só estabeleceu relação com o mito de posse. Por se tratar de fracas correlações, não podemos afirmar que, de fato, estes mitos implicam a diminuição significativa da percepção do abuso psicológico. O mesmo se observou em estudos anteriores (CAVA; CASTILLO; BUELGA; TOMÁS, 2022; MARCOS; GANCEDO; CASTRO; SELAYA, 2020). Por exemplo, no estudo de Cava, Castillo, Buelga e Tomás (2022), que investigou a relação dos mitos de amor com a tolerância a violência e a vitimização de violência física e psicológica no namoro, também se ilustrou uma baixa relação entre essas variáveis, mesmo os autores assumindo que esta relação é significativa, sugerindo que os mitos de amor estão associados a uma maior tolerância e perpetração destas violências no namoro. O mesmo também ocorreu no estudo de Marcos, Gancedo, Castro e Selaya (2020), que assumem que os mitos de amor estão relacionados ao sexismo ambivalente e à percepção e perpetração de abuso no namoro, mesmo se tratando de baixas correlações.

Embora as correlações não sejam conclusivas sobre a relação dos mitos de amor com a diminuição da percepção do abuso psicológico nos cenários, outrossim observamos que, quando os mitos de amor estão acompanhados da manipulação dos tipos de abuso, existe uma diferença significativa na percepção do abuso do tipo emocional na EPAPP. Quando existem mitos de amor nas histórias, acompanhada da manipulação do abuso emocional, os participantes tendem a perceber menos essa forma de abuso na EPAPP, enquanto, quando não existe a manipulação dos mitos de amor, e os participantes são expostos à manipulação do tipo de abuso emocional nas histórias, a percepção dessa forma de abuso tende a aumentar na EPAPP. Esses resultados revelam que, de fato, os mitos de amor reduzem a percepção do abuso psicológico, especificamente o tipo de abuso emocional, o que confirma parcialmente a hipótese 3a.

Acreditamos que o endosso aos mitos de amor não estabelece uma relação direta na percepção do abuso psicológico contra a parceira, porém, quando os indivíduos são expostos a histórias românticas, de outros casais, tendem a justificar o abuso psicológico por meio dos mitos, em especial o abuso emocional, reduzindo a percepção dessa forma de violência. Ou seja: as crenças particulares dos sujeitos nos mitos românticos não explicariam a percepção do abuso, mas a exposição a estes mitos em uma situação de violência que faz com que os indivíduos percebam menos o abuso sofrido pelas mulheres (CAVA *et al*., 2020).

Por fim, os dados confirmaram parcialmente o efeito moderador do sexismo na percepção do abuso psicológico contra a parceira (H4), já que não foi verificado nenhum efeito do sexismo ambivalente na interação entre os mitos de amor e percepção do abuso psicológico. Assim como verificado na hipótese 1, com a moderação do sexismo, também houve uma diminuição na percepção do abuso psicológico, e o abuso de controle segue exercendo efeito na percepção do abuso psicológico, de forma que as pessoas o percebem mais nas histórias quando expostas a essa forma de abuso, sendo o inverso igualmente verdadeiro. Ou seja: quanto maior o endosso dos participantes ao sexismo, menor a percepção do abuso psicológico contra a parceira quando expostos ao tipo de abuso emocional. Esses achados corroboram estudos anteriores que verificaram que o sexismo exerce poder moderador na percepção de violências contra as mulheres (WALBY; TOWERS, 2018; SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ; HERRERA-ENRÍQUEZ; EXPÓSITO, 2020), potencializando a redução da percepção do abuso psicológico contra a parceira.

Além disso, o sexismo também modera a relação do tipo de relacionamento e percepção do abuso. Em nosso estudo, viu-se que, com o efeito moderador do sexismo, nas histórias em que era manipulada uma relação de namoro, havia uma redução na percepção do abuso psicológico, em comparação quando a descrição da relação era de casados. Ou seja, nossos dados revelam que, quanto

maior a adesão ao sexismo, menor é a percepção do abuso psicológico dos participantes na relação de namoro. Isso pode ter ocorrido por um efeito de identificação dos participantes com o tipo de relacionamento de namoro nas histórias, já que uma boa parcela da amostra se encaixava nesse perfil de relação (32,7%). Estudos anteriores demonstram que, quando existe uma identificação com a vítima, ou quando os participantes sofrem abuso psicológico em curto prazo, a percepção dessa forma de violência tende a ser menor do que em pessoas que nunca vivenciaram tal violência (GARCÍA-DÍAZ *et al*., 2017; LÓPEZ-CEPERO *et al*., 2015).

Não foi verificado um efeito moderador do sexismo na interação da manipulação dos mitos de amor e na percepção do abuso. Pode-se sugerir que a ausência desse efeito se deu por uma carência na descrição dos mitos nas manipulações experimentais. Ocorre que a mensuração dessa manipulação pode ter sido prejudicada em decorrência da diferenciação da relação do casal entre namorados e casados. Já que se assume que o casamento também é uma forma de mitos do amor romântico, foi adotado em dois momentos distintos. Nas manipulações de namoro, dizia-se que o casal estava com o casamento marcado e que se apaixonaram à primeira vista, ou seja, havia a manipulação de duas formas de mitos de amor (amor à primeira vista e casamento (YELA, 2003, LUZÓN *et al*., 2011). Já na história na qual o casal era descrito como casados, a manipulação dos mitos se restringiu somente à descrição da paixão à primeira vista. Desse modo, assumimos que a ausência de efeito da manipulação dos mitos de amor na percepção do abuso psicológico pode ser explicada por essa deficiência na descrição destes mitos nas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou aspectos psicossociais que funcionariam como dificultadores da percepção do abuso psicológico como um tipo de violência. Para tanto foram considerados a relação entre os mitos de amor e o sexismo ambivalente. Foram testadas cinco hipóteses, das quais duas foram confirmadas, duas confirmadas parcialmente e uma não confirmada.

De maneira geral os resultados indicaram que o abuso de controle exerce um efeito maior na percepção do abuso contra a parceira em relação ao abuso emocional. Isso sugere que o comportamento de controle é mais facilmente identificado do que o abuso emocional, que atinge principalmente a esfera privada da vítima. No entanto, o tipo de relacionamento não exerceu influência na percepção do abuso psicológico, contradizendo estudos anteriores que sugeriam que o abuso em relações de longo prazo era menos percebido.

Foram verificadas correlações negativas entre os mitos de amor romântico e a percepção do abuso psicológico, porém fracas, sugerindo que outros fatores podem influenciar essa relação. Em nosso estudo, vimos que uma variável relacional a influência dos mitos de amor romântico na redução da percepção do abuso psicológico, foi a manipulação do tipo de abuso emocional.

O sexismo moderou parcialmente a percepção do abuso psicológico, reduzindo a percepção do abuso psicológico contra a parceira em casos de maior adesão ao sexismo. Além disso, o sexismo também moderou a relação entre o tipo de relacionamento e a percepção do abuso. No entanto, não foi verificado um efeito moderador do sexismo na interação da manipulação dos mitos de amor e na percepção do abuso psicológico.

Destacamos algumas limitações do nosso estudo. Em relação à amostra, esta foi composta exclusivamente por estudantes universitários, não representando um extrato fiel da população brasileira. Sugerimos que estudos futuros ampliem a investigação da percepção do abuso psicológico também para a população geral. Além disso, como mencionado anteriormente, percebe-se que as manipulações experimentais utilizadas no presente artigo podem ter sido insuficientes para ilustrar as diversas formas de mitos de amor romântico. A descrição de apenas dois mitos pode não ser abrangente o suficiente. Sugerimos que estudos futuros investiguem quais das quatro grandes dimensões dos mitos de amor (tradição, abnegação, possessão e romanticismo) exercem maior influência na diminuição da percepção do abuso psicológico e utilizem mais exemplos de mitos na descrição deste fenômeno.

Recomendamos ainda, que estudos futuros explorem aspectos sociodemográficos, que podem ser compreendidos como complementares da percepção do abuso psicológico, tais como o impacto da experiência de vivência com esse tipo de abuso na percepção dos indivíduos, tanto das vítimas como dos agressores.

Por fim, consideramos que o presente artigo trouxe novas contribuições para o campo de estudos sobre a percepção do abuso psicológico. Nossos achados destacam o papel do sexismo ambivalente na percepção do abuso psicológico contra a parceira. Apesar das contradições acerca do seu poder preditivo ou moderador, nossos dados sugerem que o sexismo, juntamente com o tipo de abuso e os mitos de amor, influenciam a percepção do abuso psicológico, potencializando ou moderando essa relação.

REFERÊNCIAS

AIZPURUA, E. *et al*. “Controlling behaviors and intimate partner violence among women in Spain: An examination of individual, partner, and relationship risk factors for physical and psychological abuse”. **Journal of interpersonal violence**, vol. 36, n. 1, 2021.

AMARAL, R. E. C.; COSTA, C. A. R. "Reflexões psicanalíticas sobre o amor a partir de Eros1". **aSEPHallus**, vol. 14, n.27, 2018.

APA - American Psychological Association. "Guidelines for Psychological Practice with Girls and Women". **APA** [2018]. Disponível em: <www.apa.org>. Acesso em: 23/12/2023.

ARNOSO, A. *et al*. "El sexismo como predictor de la violencia de pareja en un contexto multicultural". **Anuario de Psicología Jurídica**, vol. 27, n. 1, 2017.

BOAH, M *et al*. "Risk of adverse newborn outcomes among women who experienced physical and psychological intimate partner abuse during pregnancy in Ghana's northern region". **Heliyon**, vol. 9, n. 4, 2023.

BORRAJO, E.; GÁMEZ-GUADIX, M.; CALVETE, E. "Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression". **Psychological Reports**, vol. 116, n. 2, 2015.

BOSCH, F. *et al*. **La violencia contra las mujeres**: el amor como coartada. Madrid: Anthropos Editorial, 2013.

BRASIL. **Lei n. 14.188, de 28 de Julho de 2021**. Brasília: Planalto, 2021. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 08/10/2023.

BRITO, F. S.; BAPTISTA, L. P.; MOLINA, A. M. R. "Relato de experiência de estágio em psicologia em um programa socioassistencial às mulheres vítimas de violência doméstica e de atenção psicoeducativa aos agressores". *In*: LEMOS, F. C. S.; COLOMBANI, F.; SENHORAS, E. M. **Humanidades**: Agendas Multidisciplinares. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

CANTO, J. M. *et al*. "The influence of ideological variables in the denial of violence against women: The role of sexism and social dominance orientation in the Spanish context". **International journal of Environmental Research and Public Health**, vol. 17, n. 14, 2020.

CHRISTY, K. *et al*. "Economic abuse: A subtle but common form of power and control". **Journal of Interpersonal Violence**, vol. 37, n. 1, 2022.

CINQUEGRANA, V.; MARINI, M.; GALDI, S. "From endorsement of ambivalent sexism to psychological IPV victimization: the role of attitudes supportive of IPV, legitimating myths of IPV, and acceptance of psychological aggression". **Frontiers in Psychology**, vol. 13, 2022.

CROSS, C. K. "Coercive control and the limits of criminal law". **UC Davis Law Review**, vol. 56, n. 195, 2022.

DARDIS, C. M. *et al*. "An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: A review of the literature". **Trauma, Violence, and Abuse**, vol. 16, n. 2, 2014.

DIAS, F. A. S.; SOUSA, B. C. D.; VILANOVA-CAMPELO, R. C. "Uso combinado de aromaterapia e meditação: Efeitos nos níveis de estresse e ansiedade em universitários maranhenses". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 44, 2023.

ELAURAIN, S. *et al*. "Les représentations sociales associées à la violence conjugale: de la psychologisation à la légitimation des violences". **Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, n. 3, 2018.

FAUL, F. *et al*. "G Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences". **Behavior Research Methods**, vol. 39, 2007.

FERNANDES, W. G. L.; GRAUPE, M. E.; CAMPOS, D. "Quem começava era ela! Percepções sobre violência de gênero de homens e facilitadores de um grupo reflexivo na serra catarinense". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

GARCÍA-DÍAZ, V. *et al*. "Tolerance and perception of abuse in youth dating relationships". **Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma**, vol. 26, n. 5, 2017.

GLICK, P. *et al*. "Ambivalent sexism and attitudes toward wife abuse in Turkey and Brazil". **Psychology of Women Quarterly**, vol. 26, n. 4, 2022.

GLICK, P.; FISKE, S. T. "Ambivalent sexism revisited". **Psychology of Women Quarterly**, vol. 35, n. 3, 2011.

GLICK, P.; FISKE, S. T. "Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women". **Psychology of Women Quarterly**, vol. 21, n. 1, 1997.

GLICK, P.; FISKE, S. T. "The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism". **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 70, n. 3, 1996.

HERRERA, C. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Madrid: Editorial Fundamentos, 2010.

HINKLE, D. E.; SPORAKOWSKI, M. J. "Attitudes toward love: A reexamination". **Journal of Marriage and the Family**, vol. 37, n. 4, 1975.

JIMÉNEZ. F, A. **Mitos del amor romántico**: Prevención e intervención en adolescentes. (Trabajo de Fin de Grado en Psicología). Cádiz: UCA, 2021.

KANDYA, S. "Secondary victimization of women in rape cases - An análisis". **International Journal of Law Management and Humanities**, vol. 4, 2021.

KEITA, D. **The impact of ambivalent sexism on the perceived level of abuse of coercive and controlling behaviours** (Course Completion Work in Psychology). Enschede: University of Twente, 2022.

LAING, L. "Secondary Victimization: Domestic Violence Survivors Navigating the Family Law System". **Violence Against Women**, vol. 23, n. 11, 2017.

LELAURAIN, S. *et al*. "Legitimizing intimate partner violence: The role of romantic love and the mediating effect of patriarchal ideologies". **Journal of interpersonal violence**, vol. 36, n. 13, 2018b.

LELAURAIN, S. *et al*. "One doesn't slap a girl but… social representations and conditional logics in legitimization of intimate partner violence". **Sex Roles**, vol. 78, 2018a.

LESSA, J. P. A. **Mensuração e correção de erros sistemáticos na avaliação socioemocional**: Um estudo psicométrico sobre vinhetas-âncora (Tese de Doutorado em Psicologia). Campinas: USF, 2022.

LÓPEZ-CEPERO, J. *et al*. "Percepción y etiquetado de la experiencia violenta en las relaciones de noviazgo juvenil". **Gaceta Sanitaria**, vol. 29, n. 1, 2015.

LUZÓN, J. M. *et al*. "Factores de riesgo y de protección en la prevención contra la violencia de género en la pareja. Un estudio de investigación en la población adolescente andaluza". **Instituto Andaluz de la Mujer** [2011]. Disponível em <www.fundacionmujeres.es>. Acesso em: 20/08/2023.

MASCI, B. S. F.; SANDERSON, S. "Perceptions of psychological abuse versus physical abuse and their relationship with mental health outcomes". **Violence and victims**, vol. 32, n. 2, 2017.

NARDI-RODRÍGUEZ, A. *et al*. "Identifying beliefs behind boys' use of mobile phones to monitor girlfriends and girls' acceptance: A reasoned-action approach". **Journal of Youth Studies**, vol. 21, n. 7, 2018.

OLIVEIRA, S. "Abuso psicológico afeta tanto saúde mental quanto física: como identificar". **UOL** [2020]. Disponível em <www.uol.com>. Acesso em: 05/10/2023.

OWARISH-GROSS, J. **Do gender and relationship composition affect college students' perceptions of intimate partner violence severity?** (Course Completion Work in Psychology). Hartford: Trinity College, 2012.

PAIVA, T. T.; CAVALCANTI, J. G.; LIMA, K. S. "Propriedades psicométricas de uma medida de abuso psicológico na Parceira". **Revista Colombiana de Psicología**, vol. 29, n. 1, 2020.

PIÑEIRO, Y.; PIÑUELA, R.; YELA, C. "EMRO: Una herramienta de evaluación de los mitos románticos". **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica**, vol. 1, n. 62, 2020.

REDONDO, G. *et al*. "Attitudes on gender stereotypes and gender-based violence among youth". *In*: MIGS - The Mediterranean Institute of Gender Studies. **Youth 4 Youth**: Empowering young people in preventing gender-based violence through peer education. Barcelona: University of Barcelona, Dezembro, 2011.

SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, M. D.; HERRERA-ENRÍQUEZ, M. C.; EXPÓSITO, F. "Controlling behaviors in couple relationships in the digital age: Acceptability of gender violence, sexism, and myths about romantic love". **Psychosocial Intervention: Ahead of Print**, vol. 29, n. 2, 2020.

SIDANIUS, J.; PRATTO, F.; BOBO, L. "Social dominance orientation and the political psychology of gender: A case of invariance?" **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 67, n. 6, 1994.

SILVA, F. L.; TORRES, A. R. R.; ESTRAMIANA, J. L. A. "Construção e validação da escala sobre a percepção do abuso psicológico contra a parceira (EPAPP)". **Psicologia Ciência e Profissão**, 2024 (no prelo).

SPENCER, C. M. *et al*. The relationship between approval of violence and intimate partner violence in college students. **Journal of Interpersonal Violence**, vol. 36, n. 1, 2021.

SPRECHER, S.; METTS, S. “Development of theRomantic Beliefs Scale'and examination of the effects of gender and gender-role orientation“. **Journal of Social and Personal relationships**, vol. 6, n. 4, 1989.

STEPHENSON, V. L.; WICKHAM, B. M.; CAPEZZA, N. M. “Psychological abuse in the context of social media”. **Violence and Gender**, vol. 5, n. 3, 2018.

WALBY, S.; TOWERS, J. “Untangling the concept of coercive control: Theorizing domestic violent crime”. **Criminology and criminal justice**, vol. 18, n. 1, 2018.

WHITE, S. J. *et al*. “Global prevalence and mental health outcomes of intimate partner violence among women: a systematic review and meta-analysis”. **Trauma, Violence, and Abuse**, vol. 25, n. 1, 2024.

WILSON, J. M.; SMIRLES, K. “College students’ perceptions of intimate partner violence: The effects of type of abuse and perpetrator gender”. **Journal of Interpersonal Violence**, vol. 37, 2020.

YELA, C. “La otra cara del amor: Mitos, paradojas y problemas”. **Encuentros en Psicología Social**, vol. 1, n. 2, 2003.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 17 | Nº 50 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima